

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
EM PSICANÁLISE, CLÍNICA E CULTURA
LINHA DE PESQUISA: PSICANÁLISE, TEORIA E DISPOSITIVOS CLÍNICOS

LUÍSA GIORDANI WELTER

O (Des)velar do Infantil do Sujeito: deslizamentos da linguagem

Porto Alegre

2020

LUÍSA GIORDANI WELTER

O (Des)velar do Infantil do Sujeito: deslizamentos da linguagem

Dissertação apresentada como requisito para banca de defesa do PPG em Psicanálise, Clínica e Cultura, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

Orientadora: Prof.^a Dra. Ana Maria Gageiro

Porto Alegre

2020

SUMÁRIO

1. Introdução.....	06
1.1.Um(a) método(lógica) da escrita-flutuante em psicanálise.....	06
2. O infantil do sujeito e sua (s) origem(ns)?.....	10
3. No (des)começo era o verbo.....	32
3.1.Só depois é que veio o delírio do verbo.....	41
4. Afetamentos poéticos literários.....	53
5. Enfindamento(s).....	61

Referências

AGRADECIMENTOS

À Ana Maria Gageiro, por me receber no mestrado, contribuindo para um passo importante da minha formação.

Ao corpo docente do PPG de Psicanálise Clínica e Cultura da UFRGS, o qual eu escolhi no desejo de estender o laço da psicanálise no meio acadêmico.

Às colegas do grupo de pesquisa, espaço onde a questão que move esse trabalho pôde precipitar.

Aos meus pais pelo apoio, incentivo e compreensão de sempre. Obrigada por tudo o que transmitem.

À Laura minha irmã, que ao seu modo me proporcionou momentos de reflexão sobre a caminhada que escolhi, fortalecendo e amando sempre.

À minha amiga Mônica pelo empréstimo da palavra acolhedora e trocas nesse percurso.

E a todos os colegas do mestrado, pois juntos compartilhamos esse belo percurso.

Tudo no mundo começou com um sim. Uma molécula disse sim a outra molécula e nasceu a vida. Mas antes da pré-história havia a pré-história da pré-história e havia o nunca e havia o sim. Sempre houve. Não sei o quê, mas sei que o universo jamais começou.

[...]

Enquanto eu tiver perguntas e não houver resposta continuarei a escrever. Como começar pelo início, se as coisas acontecem antes de acontecer? Se antes da pré-pré-história já havia os monstros apocalípticos? Se esta história não existe, passará a existir. Pensar é um ato. Sentir é um fato. Os dois juntos – sou eu que escrevo o que estou escrevendo. Deus é o mundo. A verdade é sempre um contato interior e inexplicável. A minha vida a mais verdadeira é irreconhecível, extremamente interior e não tem uma só palavra que a signifique. Meu coração se esvaziou de todo desejo e reduz-se ao próprio último e primeiro pulsar.

[...]

Como que estou escrevendo na hora mesma em que sou lido. Só não inicio pelo fim que justificaria o começo – como a morte parece dizer sobre a vida – porque preciso registrar os fatos antecedentes.

LISPECTOR, C. A hora da estrela [1977]. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

1. Introdução

1.1. Um(a) método(lógica) da escrita-flutuante em psicanálise

Este trabalho de dissertação emerge na atenção aos descaminhos das insignificâncias do mundo e as nossas – como já dizia o poeta Manoel de Barros, enlaçando sua poética para refletir em que medida ela opera no trabalho da localização de um entretempo da passagem da pura língua ao discurso. Essa passagem foi proposta pelo filósofo Giorgio Agamben (2005), e será articulada juntamente com a teoria psicanalítica de Freud e Lacan, para atribuir contornos ao infantil do sujeito, e para isso a escrita flutuante será o recurso metodológico de produção simbólica que fornece suporte ao Real.

Operando em pontos de limiares teóricos e poéticos, ora tendendo a incorporar a poética barrosiana na escrita e leitura, ora tendendo a uma discussão teórica, o que se apresenta na dissertação, a partir da obra de Manoel de Barros, é uma poética, subordinada à linguagem, particularmente permitindo a flexibilização da realidade no exercício da flexibilização da linguagem, que é o exercício operado por Barros. As palavras não apenas criam e conferem a realidade, mas também podem ser utilizadas como defesa de uma realidade criada pelo próprio poeta.

Caminhar nos limiares, caminhar utilizando a própria matéria do mundo da escrita do poeta. *A poética de Manoel de Barros será o instrumento metodológico para a questão condutora da pesquisa: Seria possível localizar um entretempo da passagem da pura língua ao discurso? Uma passagem possível no tratamento do vazio – do grito ao furo. O vazio é surdo e há que se encontrar um lugar em que o furo repouse como estrutura e não como ausência. Quem sabe é sobre esse vazio estrutural que o artesanato poético de Manoel de Barros dialoga com a pesquisa psicanalítica.* Os objetivos específicos serão pautados pela teoria psicanalítica, balizadora da produção escrita dessa dissertação.

Estabelecer passagens entre o tema da infância, com o infantil da psicanálise e com o *in-fans* de Agamben, num esforço de tentar chegar ao que seria o elemento incontornável na obra de Manoel de Barros, permeando uma ramagem ao modo do poeta: infantil, *in-fans*, língua pura e discurso, sujeito e discurso.

O infantil na psicanálise fala de uma condição de inacabamento como ato de criação de um Outro, materializada na criança e que convoca a inventar uma prática discursiva. O infantil vai remeter ao que fazer com os restos de uma experiência destruída na sua origem. Na arte tem um saber fazer com o infantil, apoiado na precariedade da linguagem para dizer-se e a poesia emerge como verdade impossível, improvável, que o poeta tenta dizer sem cessar,

remoendo o fracasso com as palavras e multiplicando a tessitura narrativa do mundo para além de si.

O título da dissertação pretende incitar a reflexão sobre a existência ou não de uma nascerça do sujeito psíquico, no alinhavar dos deslizamentos da escrita poética em Manoel de Barros, psicanalítica com Freud e Lacan, e filosófica, sobretudo em Agambem e sinteticamente em Bachelard e Blanchot, os quais contribuem traçando aspectos estéticos no decorrer do trabalho. A escrita flutuante, aqui proposta, assim como a livre associação em análise, são a experiência mais autêntica, uma experiência original, pois dependem do deslizamento da palavra, na tentativa de contornar um vazio sem pretender preenche-lo. É o que nos diz Chemama (2002) sobre as formações do inconsciente constituírem antes enigmas, acidentes do sentido; o sujeito, que acreditava saber o que dizia, dá-se bruscamente conta de que não o sabia. Ele poderá, em seguida, tentar reorientar-se, “compreender” o que o fez tropeçar, dar sentido ao lapso esquecido. Porém, é o deslizamento que carregará a experiência mais original. Estar diante de um trabalho que tem uma proposição ensaística – escrita flutuante – que, muitas vezes, se aproxima de uma linguagem conotativa, metafórica, emotiva, exige um olhar outro, requerente de medida e cuidado, porque nada está garantido nesta experiência de escrita indeterminada.

Ao afirmar a coexistência e a relação entre elementos diferentes em natureza, existe a possibilidade de que o leitor encontrar-se desafiado se quiser ajustar e classificar os elementos a um discurso puramente acadêmico. Ter a poética barroiana como instrumento metodológico é desafiador, a dissertação aposta em nosso distanciamento da representação fiel do mundo e, da mesma forma, credita à linguagem força performativa e inventiva. Busca suporte para afirmar as invenções, imaginações, os desajustes e a precariedade da linguagem, não como produções destrambelhadas e carentes de fundação, mas, justamente, como algo que nos possibilita pensar a produção simbólica do real.

No propósito de *localizar um entretempo da passagem da pura língua ao discurso*, a poética de Manoel de Barros, não tem por objetivo caracterizar a língua pura, mas dar contornos aos fundamentos do infantil do sujeito proposto pela psicanálise. Busca-se essa dimensão da linguagem, esse instante que está ligado ao mito. *Algo faz buraco no discurso, eis o que é certo. O que se imagina para preenchê-lo é bem mais precário, muito menos certo. A linguagem permeia essa relação entre o que se diz, característica do discurso, e o que se é, condição da língua pura. A escrita, portanto, nesse trabalho, buscará fazer sobressair o que nela já está o que já existe, pois faz corte no próprio discurso.*

Fazer referência ao desvelamento do sujeito na escrita flutuante, dessa forma, contribuindo na identificação dos efeitos do simbólico suscitados pela leitura da poética barrosiana. Identificar de que criança trata a poesia de Manoel de Barros, podendo dessa forma, vislumbrar como a poesia dialoga com a psicanálise a fim de deixar falar o sujeito. Por esses caminhos ecoou uma hipótese: o (des)velamento do infantil do sujeito através do efeito do simbólico na leitura teórico-literária. A escrita flutuante está aqui implicada com a questão da linguagem e o modo desviante com que a escrita se debruça sobre a vida. Proposição que se aproxima da “leitura dirigida pela escuta, a qual é tributária de uma escuta dirigida pelo olhar. O pesquisador psicanalítico vai instrumentalizar sua transferência ao texto composto pelo dado coletado de modo que possa identificar significantes já escandidos pelo autor do texto como também efetuará um trabalho de escansão de significantes que a legibilidade do texto permite”. (Iribarry, 2003, p.127)

Ao longo do texto a palavra de Manoel de Barros, que é língua de brincar, conversando com a teoria psicanalítica, será mencionada em itálico para poder situar o leitor visualmente no contexto da escrita, possibilitando ao leitor formar a sua imagem desse Manoel-letral, pura virtualidade que vive no sentido que o poeta inventou. Será no percurso da escrita desse trabalho, que se dará contornos ao objeto de pesquisa, com o estilo textual ensaístico, o qual é argumentado por Rivera (2017) como um campo de escrita de experimentação, em que o ensaio carrega “uma curiosa presença do sujeito [...] que corresponde à tomada do si mesmo como experiência. Experiência problemática: busca de si” (p.13). A estrutura do ensaio é permanentemente interrompida por quebras repentinas de assunto, desvios de rota, referências metalinguísticas, aparentes digressões. Acima de tudo, muitas vezes, o leitor pode ter a sensação que Virgínia Woolf (2014) descreve como se a autora escapou à solicitação. Mas, afinal, ela vai ou não vai chegar lá? Não, ela não vai, porque “lá” não existe e é isso o que o ensaio mostra na própria carne do texto. Os limites entre a pré-língua e o discurso não estão claramente explicitados neste ensaio, por que o tema é a própria palavra esburacada que procura contornar os mistérios da constituição psíquica.

Sobre as águas do enigma, navegaremos nessa dissertação em forma de ensaio, fazendo um paralelo com a escuta flutuante do psicanalista. Para atribuir contornos ao infantil do sujeito, valemo-nos da escrita flutuante para apresentar essa pesquisa ensaística. A escrita debruçada sobre sua continuidade, enquanto estilo metodológico, corrobora as palavras do poeta Manoel de Barros (2014), as quais contribuem na busca por dar contornos ao objeto de pesquisa: [...]. *Se houvesse de escolher entre uma coisa e outra ficasse deitado sobre nenhuma.*

A doce independência de não escolher!(*Se a palavra é a posse da coisa nomeada, o Etrúria era ele mesmo, o Andaleço.*) (p.296). Fusão entre palavra e coisa nomeada estão implicadas na impossibilidade de explicar tudo. Manoel de Barros diz que sua poesia não pode ser explicada, é uma poesia do desconhecer, o que implica desexplicar, e só assim se pode atingir a essência dos objetos e do homem. Ele é um sujeito que abusa das palavras, descabelando-as, desarrumando-as, entortando-as. Essa atitude de transgredir com as palavras provoca imenso gozo no poeta, porque delira com o irracional.

O gozo é o próprio irracional, *do grito ao nada a boca desaparece, e fica o buraco, como furo, ausência, uma transgressão que encena e nos ensina sobre uma passagem possível no manejo com o vazio. Do grito ao furo o sujeito é pura angústia, e ao revistar esse conceito* Lacan ([1962-1963] 2005) irá focar numa dimensão do real que não é produto do simbólico, mas um real que nunca entrou no simbólico. Esse real, que sempre esteve lá, desde o estágio do espelho, diz respeito à prematuridade do ser humano e condiciona a abertura para o imaginário e o simbólico.

Dessa forma desorientada que Manoel de Barros (2014) ocupa ao desexplicar as coisas do mundo e do homem, Agamben (2018) justifica o lugar do pesquisador, “porque é exatamente esse desorientar-se a única garantia da seriedade de um método, que é, na mesma medida, uma experiência mística” (p.32-33). Para o autor o místico da pesquisa é a condição aventureira e precária da literatura, “[...] o escritor avança na escuridão e na penumbra, por uma trilha suspensa entre deuses íferos e súperos, entre esquecimento e recordação. Há, porém, um fio, uma espécie de sonda lançada em direção ao mistério, que lhe permite medir a cada vez a distância até o fogo. Essa sonda é a língua, e é na língua que os intervalos e as rupturas que separam o relato e fogo mostram-se implacáveis como feridas”. (Agamben, 2018, p.33).

Manoel de Barros se diz dois seres, o primeiro é fruto do amor de João e Alice, seus pais. O segundo tem uma natureza brincativa, ele é letral: “*Eu sou dois seres. O primeiro fruto do amor de João e Alice. O segundo é letral: É fruto de uma natureza que pensa por imagens, como diria Paul Valéry. O primeiro está aqui de unha, roupa, chapéu e vaidade. O segundo está aqui em letras, sílabas, vaidades e frases. E aceitamos que você empregue o seu amor em nós. [...]. Nossa linguagem não tinha função explicativa, mas só brincativa* (Barros, 2013, p. 405-437). Sua poesia nos mostra que o *Manoel-letral*, que sempre nos recebe generosamente em seus versos, não é menos vivo que o Manoel que nos deixou, o filho de *Seu* João e Dona Alice. Talvez a saudade que sentimos do poeta possa ser diminuída pelo encontro com o

Manoel que vive sem distância com seus versos, e nestes vive cada vez mais vivo, sempre mais novo, pois tinha como missão dar encantamentos.

Manoel (2014) se torna letral para nos tornar também, ao dizer: “*prefiro fazer vadiagem com letras [...] assim posso ver quanto é branco o silêncio do orvalho*” (p.341). Ser letral é ler, na letra, mais do que a letra. É se deixar ler também por ela, buscando outras relações na existência que não sejam apenas aquelas governadas pela sintaxe econômica, utilitária, academicista. O primeiro Manoel faria 103 anos em 2019, se vivo estivesse. O segundo Manoel, o letral, quantos anos tem? Quantos anos faz? Talvez não se possa medir sua existência em anos. O Manoel-letral é só nascimento, invenção, como possibilidade poética de renascimento através de nós, que nos reinventamos também através dele. Sempre múltiplo, já descoberto e ainda por descobrir: como “*afloramento de falas*” (Barros, 2014, p.275).

A imagem do primeiro Manoel fixou-se no velhinho sorridente e simpático, cuja vida findou aos 97 anos. Quanto ao Manoel-letral, que imagem fazer dele? Difícil fixar uma. Não por acaso poeta é um país que não existe na vida. O poeta anuncia uma forma de dizer que compartilha a dimensão do desejo, leva consigo a fala esburacada da poesia. Quem sabe por isso poesia e literatura se tornam uma nova forma de ver e dizer. Numa tentativa de dar forma ao absurdo do homem, o poeta fala o homem. A poesia é testemunha do mal-estar, visa a subversão da realidade, não é uma imagem própria. Por essas razões as contínuas quebras que o texto propõe são transposições textuais do pensamento narrativo da autora e da condição do (des) velamento do infantil do sujeito na escrita flutuante. O efeito do simbólico produzido pela leitura teórico-literária será a demarcação do desvelamento do infantil na escrita flutuante.

Façamos nossas as perguntas de Virgínia Woolf (2014) no transcurso do ensaio que elaborou sobre a escrita feminina: “Como estabelecer uma linha contínua e fronteiras claras se quase sempre há um bedel pedindo que se caminhe no cascalho, outro interrompendo a entrada na biblioteca? Se não se pode fisgar um pequeno peixe, se falta o rabo ao gato e é preciso comer ameixas?” (p.165). A resposta que o próprio ensaio oferece para essas perguntas encontra refletidas luzes no estado de espírito equívoco e limitado, que a figuração dada por Virgínia Woolf (2014) gato sem rabo e, por fim, restando comer ameixas, interessa àquele que se propõe escrever sobre determinado tema de forma ensaística.

Esse sem dúvida pode ser um ensaio que cause estranhamento ao leitor, já que está sempre contornando o indizível da experiência primeira do ser humano, aquela que se encontra num a priori da linguagem. Entretanto de fundamental importância na passagem para a subjetivação, para a aquisição da linguagem. O gato sem rabo é uma metáfora de Virgínia

Woolf (2014) para representar o próprio escritor, que se vê enclausurado na sua condição humana, e também condição cotidiana de viver. Esse ser escritor que continua querendo entender o que é o seu tema no ensaio, sem conseguir resolver o aparente problema, entende que resta-lhe comer ameixas, seguir o cotidiano nítido da vida, deixando que o instante “só depois” permita revelar a palavra escrita, em um ambiente que lhe proporcione liberdade de exprimir-se, resvalando mais perto da sua individualidade, para que possa vagarem os significantes condutores do ensaio.

O modo como o poeta brasileiro Manoel de Barros (2013) retrata a infância em sua linguagem poética, remete a alguns questionamentos referentes ao objetivo geral de caracterizar, por meio da pesquisa psicanalítica, o entretempo que há no processo de passagem da pura língua ao discurso. O entretempo, retratado como lugar de passagem, uma margem de indecisão, onde o paradigma rangerá, o sentido será precário, o discurso será incompleto, entretanto não menos desprovido de potência criadora. A infância é essa condição de estar na linguagem, numa posição de não-falante. Por isso Agamben (2005) vai chamá-la de experiência muda. Lugar instaurado na passagem de infans (não falante), a falante, momento em que a infância se organiza na cisão e marca a diferença entre língua e discurso. A criança passa a se inscrever em sua língua materna por meio de seu ato de aquisição da linguagem.

Se o objeto da psicanálise é a-substancial, propõem-se nessa pesquisa psicanalítica, lançar um “olhar a mais” conforme indicado por Quinet (2002), em torno da delimitação de uma operação de passagem da pura língua ao discurso, que buscará caracterizar o espaço existente entre esses dois processos. A posição do *olhar a mais* conferida por Quinet (2002) encontra-se ao nível escópico, o discurso hesita em apreender a posição escópica, ficando nos arredores, à margem. Mergulhado nas entranhas da Outra cena, perambula por todos os lugares, sua ação é o *empuxo*, como diria Lacan ([1964] 2008), daquele que vê, anterior ao seu olho. Olho estrangeiro carrega o privilégio do olhar na função do desejo.

A psicanálise traz a questão da experiência muda, mas em outra perspectiva, que é do corpo, do pulsional que insiste no infantil, isto é, a marca do corpo infantil que insiste no fazer poético, que marca exatamente o dizer o que ainda não é, mas que nesse desamparo com as palavras modifica o campo do Outro, altera sua tessitura simbólica e, com isso, inscreve verdade singular no campo da radical Outridade. No entanto ao vasculhar o terreno de uma operação constituinte, que permeia a anterioridade do sujeito estruturado como linguagem, encontra-se uma fissura nessa passagem, também nomeada no decorrer do trabalho como ‘entretempo’. Pois a formação de funcionamento dessa operação está traçada justamente no

escape ao domínio do simbólico. A possibilidade de tangenciar essa passagem é investigada a partir da escrita flutuante, somada a pesquisa bibliográfica. Diferente de esgotar um conceito, há um navegar por enunciados significantes que nos capturam e nos lançam a escrever.

5. Enfundamentos

A proposta dessa dissertação esteve preocupada a todo instante em transformar a substância da vida anunciada pela psicanálise em matéria textual, o infantil do sujeito, restante sempre vivo nas nuances que do infantil opera na vida subjetiva de cada ser humano. Recordamos novamente que o infantil do sujeito, está localizado nesse hiato entre língua e discurso. Ou como Lacan descreve, os três tempos lógicos ([1945]1998), instante de ver, tempo de compreender e momento de concluir, como margens de constituição psíquica. Representados nesse trabalho respectivamente como: não-falante, entre, falante.

Nesse momento de buscar a precisão dos (des)começos, traçar conclusões será sempre não pegar desvios. Se queremos um instante de finalização, caminhando com Manoel de Barros até aqui, precisamos continuar pegando desvios. Esse também é o trabalho do analista, que através das pontuações ao analisando, interroga, acentua, delimita, propõe, até chegar ao ponto final, e talvez possa algum analisando descobrir, ou reencontrar, através da análise, o seu dom poético e realizar uma travessia poética, criar das sobras, dos resíduos, restos de desejos, um poema. O maior desejo do poeta e da autora desse trabalho de dissertação é indicar que nos esforçamos para superar a dimensão especulativa no ato de pesquisar, nos permitindo dessa forma, deixar-nos conduzir pelo fluxo das águas poéticas de Barros, movimento que permitiu pegar no estame da palavra, deixar delirar o verbo, assim mingando para as frestas do inconsciente, recantos do infantil do sujeito.

Buscou-se continuamente tangenciar a passagem da pura língua ao discurso por meio da escrita flutuante mediada pela teoria psicanalítica, e filosófica, configurando espaços de imparcialidade nessa passagem, visto serem momentos fugidios na constituição. A língua pura detentora da verdade do sujeito, pois inscreve-se no desejo, é por si mesma aquilo que permanece de indizível na língua humana, a palavra não expressiva e criadora, e é justamente isso que é visado por toda a linguagem. A arte, assim como a psicanálise, reluzirá sempre o esplendor do objeto perdido e ocultará o seu mistério impenetrável, mítico, e resistirá num casulo, num núcleo inacessível a quaisquer interpretações de sentido. Dessa forma, nas entrelinhas da linguagem, delinear a passagem da pura língua ao discurso, foi encontrar um sopro de desejo que carrega a harmonia de todos os modos de querer dizer. Percorrer

minimamente os resquícios da existência de uma nascença, de um silêncio-grito como Blanchot (2011) nos situou. O porvir criança presente nas memórias inventadas das infâncias de Manoel de Barros se dá por meio de linhas de fuga, de desvios, pois o desejo vive na fuga, presente no andar errante do poeta, e sua escrita nômade.

Esclarecemos que este não foi um exercício de psicanálise aplicada à poesia. Neste escrito a poesia buscou impulsionar, nos silêncios, quedas e desvios, o arco e flecha a fisgar e enlaçar humanos às suas origens, ao se exibir despida sob véus, para ser usufruída, fluída em seu charme e fascínio encantatórios, sem nunca se tornar totalmente compreendida, explicada. Esta pesquisa representou um esforço a mais na tentativa de ‘saber fazer’, exatamente onde o saber faltou. Num esforço de poesia, ali onde o saber nos falta como condição de ser pesquisador implicado com a psicanálise enquanto ciência, na tentativa de *especificar em que medida a poesia de Manoel de Barros opera no trabalho da localização de um entretempo da passagem da pura língua ao discurso*, tendo a escrita flutuante como recurso metodológico de produção simbólica que fornece suporte ao Real.

Desse lugar de não saber o pesquisador psicanalítico fala a partir da posição de sujeito cindido, e opera por mais uma conclusão a estimular reflexões sobre um estranho ímpar, um andaleço descobrindo novos mundos sem cessar. Colocar-se nesta posição de estrangeiro, de exilado da própria língua e manter vivo este intervalo, esta alteridade, é necessário, pois o que é o ato de escritura senão o que resiste neste espaço de desconhecimento do autor em relação à linguagem? A linguagem escrita foi o instrumento que fracionou a possibilidade de deslizar no encontro com o infantil do sujeito na poesia barrosiana e na psicanálise. Pois como já dizia Clarice Lispector ([1977]1998) sou lido na mesma hora que escrevo, porque a vida verdadeira é irreconhecível, extremamente interior e não tem uma só palavra que a signifique. Com o coração esvaziado de todo desejo e reduzido ao próprio último e primeiro pulsar.

Nesse posicionamento adverso que recolhe fragmentos ou suas reduções ao indizível, a autora da presente dissertação utilizou-se de uma escrita atenta às grandezas do ínfimo, às ruínas, aos destroços, às inutilidades, aos trastes, às ferrugens, ao chão, ao rasteiro, às infâncias, ao sertanejo, ao pantaneiro, à criança, ao que é menor nos caminhos com Manoel de Barros. Por meio do afetamento com a poesia barrosiana, foi possível ir acentuando o ato da escrita, deslocando litorais da infância, para várias infâncias possíveis. Algumas modificadas com o tempo, preservadas na memória, roubadas em cada esquina, uma infância que se perdeu em livros, narrativas, em protagonizações do ser, talvez roubada por cada um de nós diariamente em nossas falas e análises mal resolvidas.

A partir dessas inquietações referentes ao desejo insatisfeito por excelência, convidamos a literatura, a poesia, a psicanálise freudolacaniana, a filosofia, e nossas póstumas paragens para divagarem nos atravessamentos poéticos, como criança curiosa, apontando longe a novidade em ver tudo de novo, pela primeira vez. Os cabelos longos atrapalham um tanto a visão de ser ligeira nos passos, sem completar sua missão: cruzar por todo ladrilho, como se a rua fosse sua. Amando por cada instante aquele êxtase estonteante. Contando a quem ama, a lindeza de sua façanha. Alegria demais para catar a tempo o vento no espaço, e muita coisa a se ver enquanto não sabe o como conhecer. É água, é galinha, é chão, pedrinha, é muita beleza para transformar em sua. Ser “crianceira” dá um trabalho danado. Mostrar tudo de novo, pela primeira vez! Só mesmo uma criança, de cada vez.

E quanto à chave da criação poética, esta foi achada por Drummond (1973) durante sua *Procura da poesia*, no exato momento em que o poeta nos pergunta: “Chega mais perto e contempla as palavras. Cada uma tem mil faces secretas sob a face neutra e te pergunta, sem interesse pela resposta, pobre ou terrível, que lhe deres: Trouxeste a chave?” (p.76). Porque para ser poeta, escritor ou psicanalista, é necessário errar a língua, retrocedê-la, e assim voltar a infância de todos nós, escutar os fiapos e pedaços de sentimentos que carregamos por equívoco, desconhecendo o que irá descobrir, restando apenas à vista saber que vida, escrita, ou a escuta de um paciente em análise é tocar os abismos da existência, carregando sempre a questão que Drummond nos fez sobre a chave, a marca exposta da miserabilidade do sujeito, que permite emergir sentido de vida. Para contempla-la deixo as palavras de Manoel de Barros ([1947]2013) que regam um pouco de arte e amor na existência, e justificam uma escrita ensaística não acabar quando termina:

E, aquele que não morou nunca em seus próprios abismos
Nem andou em promiscuidade com os seus fantasmas
Não foi marcado. Não será exposto às fraquezas, ao desalento, ao
amor, ao poema. (p.77)

Referências

- AB'SÁBER, T. (2014). *Ensaio, fragmento*. São Paulo: Editora34.
- ADORNO, T. (2003). O ensaio como forma. In. *Notas de literatura*. Trad. Jorge de Almeida. São Paulo: Editora34. p. 15-45.
- AGAMBEM, G. (2005). *Infância e História: destruição da experiência e origem da história*. 3ª reimpressão. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.
- AGAMBEM, G. (2017). *O Homem sem Conteúdo*. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora.
- AGAMBEM, G. (2018). *O Fogo e o Relato: ensaios sobre criação, escrita, arte e livros*. São Paulo: Boitempo.
- ANDRADE, C. D. (1973). Procura da poesia. In *A rosa do povo*. 5.ed. Rio de Janeiro: José Olímpio.
- ANTUNES, A. (2000). Disponível em: https://arnaldoantunes.com.br/new/sec_textos_list.php?page=1&id=27. Acessado em: 19 de maio de 2020.
- BACHELARD, G. (1988). *A poética do devaneio*. São Paulo: Martins Fontes.
- BACHELARD, G. (1990). *A terra e os devaneios do repouso: ensaio sobre as imagens da intimidade*. Trad. Paulo Neves da Silva. São Paulo: Martins Fontes.
- BACHELARD, G. (2013). *A água e os sonhos: ensaio sobre a imaginação da matéria*. 2ed. São Paulo: Martins Fontes.
- BARROS, Manoel. *Gramática expositiva do chão*. (Poesia quase toda). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1990.
- BARROS, Manoel. (2013). *Poesia Completa*. São Paulo: Leya.
- BARTHES, R. (2009). *O ofício de escrever*. Rio de Janeiro: Difel.
- BENJAMIN, Walter. (1915-1921). Sobre a linguagem em geral e sobre a linguagem humana. In: *Escritos sobre mito e linguagem*. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2011.
- BERLINCK, M. T. (2008). Considerações sobre a elaboração de um projeto de pesquisa em psicanálise. *Psicopatologia Fundamental*, São Paulo. Disponível em: <http://www.uff.br/spac/arquivos/Consideracoes%20sobre%20a%20elaboracao%20de%20projeto%20de%20pesquisa%20em.pdf>. Acesso em: 28 maio 2018.
- BLANCHOT, M. (2011). *A literatura e o direito à morte*. In: *A parte do fogo*. Rio de Janeiro: Rocco.
- BLANCHOT, M. (2011). *Uma voz vinda de outro lugar*. Rio de Janeiro: Rocco.

- CAIMI, Claudia; GOMES, Maurício dos S. (2015). Entre os destroços de Babel: sobre a dialética da perda em Manoel de Barros. *Revista Eletrônica Recorte*. V. 12 – Nº 2. Julho – dezembro.
- CALVINO, I. (1993). *As cidades invisíveis*. São Paulo: Companhia das letras.
- CAMARGO, Sarah V. (2013). A Negatividade da Linguagem e a Voz em Giorgio Agambem. *Caderno de Letras da UFF. O Lugar da teoria nos estudos linguísticos e literários*. Nº 46. Disponível em:
<http://www.cadernosdeletras.uff.br/joomla/images/stories/edicoes/46/diversa2.pdf>.
Acessado em 21/09/2019.
- CAMPOS, H. (1997). A Língua Pura a Teoria da Tradução de Walter Benjamin. *Revista USP*, (33), 160-171. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9036.v0i33p160-171>. Acessado em 13/08/2019.
- CHEMAMA, R. (1995). *Dicionário de Psicanálise*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul.
- CHEMAMA, R. (2002). *Elementos Lacanianos para uma Psicanálise no Cotidiano*. Porto Alegre: CMJ.
- CLASTRES, G. (1991). A criança no adulto. In: MILLER, J. (org.) *A criança no discurso analítico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, p. 136-140.
- COSTA, A. M. M. da. (1998). *A ficção do si mesmo: interpretação e ato em psicanálise*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud.
- FÉDIDA, P. *Nome, Figura e Memória: a linguagem na situação psicanalítica*. São Paulo: Escuta, 1991.
- FIGUEIREDO, L. C. M. (2008). *Ética e técnica em psicanálise*. São Paulo: Escuta.
- FREUD, S. (1901). *Sobre a Psicopatologia da Vida Cotidiana*. In: *Obras Completas*. v. VI. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- FREUD, S. (1920). *Além do Princípio do Prazer*. In: *Obras Completas*. v. XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- FREUD, S. (1915). *Os instintos e suas vicissitudes*. In: *Obras Completas*. v. XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- FREUD, S. (1915-1916). *Sobre a transitoriedade*. In: *Obras completas*. v. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

- FREUD, S. (1910) *Cinco Lições De Psicanálise*, vol. XI, Rio de Janeiro: Editora Imago, 1996.
- FREUD, S. (1856-1939). *Primeiras Publicações Psicanalíticas*. In: Obras Completas. V. III. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- FREUD, S. (1906-1908). *Escritos Criativos e Devaneios*. Obras completas. V. IX. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- FREUD, S. (1895-1950). *Projeto para uma psicologia científica*. In: Obras completas. v. II. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- FREUD, Sigmund. (1930). *O mal-estar na civilização*. In: Obras completas. V. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- FREUD, S. ([1917-1918] 1996). O Estranho. In: *Uma neurose infantil e outros trabalhos*. In: Obras Completas. v. XVII. Rio de Janeiro: Imago.
- FREUD, S. ([1886-1889] 1996). *Publicações Pré-psicanalíticas e Esboços Inéditos*. In: Obras Completas. v. I. Rio de Janeiro: Imago.
- FREUD, S. ([1901-1905] 1996). *Um Caso de Histeria, Três Ensaios sobre Sexualidade e outros trabalhos*. In: Obras Completas. v. VII. Rio de Janeiro: Imago.
- GAGNEBIN, J. M. (2013). *História e Narração em Walter Benjamin*. São Paulo: Perspectiva.
- HAUSEN, Denise. (2014). *Do escondido ao escancarado, uma leitura do feminino inspirada em Courbet*. Rev. CEPdePA, v. 21.
- HUBERMAN, G. D. *O que vemos, o que nos olha*. São Paulo: Editora 34. 2 ed. 2010.
- IRIBARRY, I. N. (2003). O que é pesquisa psicanalítica? *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, 6 (1), 115-138. <https://dx.doi.org/10.1590/S1516-14982003000100007>
- JORGE, M. A. C. (2010). *Fundamentos da Psicanálise de Freud a Lacan: a clínica da fantasia* Vol. 2. Rio de Janeiro: Zahar.
- KAUFMANN, P. *Dicionário enciclopédico de psicanálise: o legado de Freud e Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1996.
- KEHL, M. R. (2009). *O Tempo e o Cão: a atualidade das depressões*. São Paulo: Bomtempo.
- KRISTEVA, Julia. *Estrangeiros para nós mesmos*. Trad. Maria Carlota Carvalho Gomes. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- KATÔ, K. *Curta-metragem A Casa de Pequenos Cubinhos*, 2008.
- LACAN, Jacques (1961-1962) *O Seminário, Livro 9: A identificação*. Recife, Centro de Estudos Freudianos do Recife, 2003.

- LACAN, J. ([1945] 1998). O tempo lógico e a asserção de certeza antecipada. In. *Escritos*. São Paulo: Zahar.
- LACAN, J. ([1953] 1998). Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. In. *Escritos*. São Paulo: Zahar.
- LACAN, J. ([1957] 1998). A instância da letra no inconsciente ou a razão desde de Freud. In. *Escritos*. São Paulo: Zahar.
- LACAN, J. ([1964] 1998). Posição do inconsciente. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- LACAN, J. ([1953] 2008). *O mito Individual do Neurótico: ou poesia e verdade na neurose*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- LACAN, J. (1954-1955). Seminário, livro 2: *O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*. 2 ed.. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010.
- LACAN, J. (1957-1958). O Seminário, Livro 5: *As Formações do Inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.
- LACAN, J. ([1959-1960] 2008). Seminário, livro 7: *A ética da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- LACAN, J. ([1964] 2008). Seminário, livro 11: *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. 2ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- LACAN, J. ([1968-1969] 2008). Seminário, livro 16: *de um Outro ao outro*. 2ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- LACAN, J. ([1969-1970] 1992). Seminário, livro 17: *O Avesso da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- LACAN, J. ([1971] 2009). Seminário, livro 18. *De um discurso que não fosse semblante*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.
- LACAN, J. ([1972-1973] 2008). Seminário, livro 20. *Mais, ainda*. Rio de Janeiro: Zahar.
- LACAN, J. ([1962-1963] 2005). Seminário, livro 5. *A Angústia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- LACAN, J. ([1956-1957] 1995). Seminário, livro 4. *A relação de objeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- LISBÔA, R. *Psicanálise, Criatividade e o Indizível da Experiência em Manoel de Barros*. Porto Alegre: Artes e Ecos, 2017.
- LISPECTOR, Clarice. ([1920-1977] 2009). *A paixão segundo G.H.* São Paulo: Rocco.
- LISPECTOR, Clarice. ([1977] /1998). *A hora da estrela*. Rio de Janeiro: Rocco.

- LISPECTOR, Clarice. (2014). Clarice Lispector: O tempo e as palavras. In: *As palavras de Clarice Lispector*. Curadoria de Roberto Corrêa dos Santos. 1ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2014.
- MAE, H. V. (2014). *A desumanização*. 1ªed. Cosac Naify.
- MEIRA, Ana Cláudia. (2016). *A escrita científica no divã: entre as possibilidades e as dificuldades para com o escrever*. Porto Alegre: Sulina.
- PESSOA, F. ([1888-1935] 2006). *O livro do desassossego*. São Paulo: Companhia das Letras.
- PIGLIA, R. (2004). *Formas breves*. 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras.
- POLI, M.C. (2008). O psicanalista como crítico cultural: o campo da linguagem e a função do silêncio. *Revista Mal-estar e Subjetividade*, 8(2), 365-378.
- POLI, M, C. (2012). *Leituras da clínica, escritas da cultura*. 1ed. Campinas: Mercado das Letras.
- QUINET, A. (2002). *Um olhar a mais: ver e ser visto na psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- RAMOS, G. (1892-1953). *Vidas secas*. 131ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2016.
- RILKE, Rainer Maria. (2009). *Cartas a um jovem poeta*. Trad: Pedro Sússekind. Porto Alegre: L&PM.
- RIVERA, T.; CELES, Luiz Augusto M.; SOUSA, Edson Luiz André de (Org.). (2017). *Psicanálise: Discursos, ensaios e conferências*. Rio de Janeiro: Funarte.
- SAMPAIO, C.P. (2000). *Ficção literária: terceira margem na clínica psicanalítica*. Tese de doutorado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.
- SIQUEIRA, E. R. A. de. (2014). *Corpo Escrito: um estudo psicanalítico sobre nomeações e marcas corporais*. Recife: Juruá.
- SOLER, C. (2012). Seminário de leitura de texto Ano 2006-2007: Seminário *A Angústia*, de Jacques Lacan. São Paulo: Escuta.
- SZYMBORSKA, Wislawa. (1967). *Poemas*. Trad. Regina Przybycien. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- TODOROV, T. (2010). *A Conquista da América: a questão do outro*. 4ed. São Paulo: Martins Fontes.
- WINNICOTT, D. W. (1975). *O brincar e a realidade*. Trad. José Octavio de Aguiar Abreu e Vanede Nobre. Rio de Janeiro: Imago.

WOOLF, V. ([1882-1941] 2014). *Um teto todo seu*. Trad. Bia Nunes de Souza; Glauco Mattoso. 1ed. São Paulo: Tordesilha

